

OS MONUMENTOS E AS COMEMORAÇÕES DE PORTO UNIÃO DA VITÓRIA (PR/SC): UMA ANÁLISE DO DISCURSO ESPACIAL SOBRE A PERSPECTIVA DA GUERRA DO CONTESTADO

The monuments and commemorations of Porto União da Vitória (PR/SC): an analysis of the spatial discourse on the perspective of the War of the Contestado

Los monumentos y conmemoraciones de Porto União da Vitória (PR/SC): un análisis del discurso espacial en la perspectiva de la Guerra del Contestado

Thiago Luiz Calandro¹
Gabriela Sena da Silva²

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem o objetivo de realizar uma análise dos discursos espaciais interpretados a partir dos monumentos/eventos dispostos e comemorados em Porto União da Vitória (PR/SC) sob a perspectiva da Guerra do Contestado (1912-1916) – entendida aqui como parte fundamental da constituição histórica, espacial e identitária dos dois municípios. Para isso, analisaram-se práticas espaciais e os produtores culturais das comemorações e monumentos na região respectiva. Os resultados apontaram para duas inferências: a primeira é que os caboclos, vítimas e parte da guerra do Contestado, exercem pouco protagonismo no ato de contar sua história; por outro lado, os colonizadores e os imigrantes exercem seu protagonismo no ato de fala. Como consequência, afere-se que o primeiro grupo pode fazer parte de uma história subterrânea em relação à história oficial, podendo ocasionar na construção de identidades espaciais e culturais desconexas de uma realidade possível. Em relação ao segundo grupo, entende-se que seu protagonismo no ato de contar sua história pode auxiliar no fortalecimento de sua identidade ao ponto de ressignificar práticas em espaços dos municípios de Porto União da Vitória (PR/SC).

Palavras-Chave: Registros monumentais; Eventos comemorativos; Práticas Espaciais.

ABSTRACT

The present research work aims to carry out an analysis of spatial discourses interpreted from the monuments/events arranged and commemorated in Porto União da Vitória (PR/SC) from the perspective of the Contestado War (1912-1916) – understood here as a fundamental part of the historical, spatial and identity constitution of the two municipalities. For this, spatial practices and cultural producers of commemorations and monuments in the respective region were analyzed. The results point to two inferences: the first is that caboclos, victims and part of the Contestado war, play little role in the act of telling their story; on the other hand, colonizers and immigrants

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Campus de Rio Claro na área de Ensino de Geografia e Cartografia Escolar. Professor de Geografia do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Jaguariaíva. E-mail: thiago.calandro@ifpr.edu.br

² Bolsista de Iniciação Científica Júnior PROEPI- IFPR/CNPQ. do Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Jaguariaíva. E-mail: senagabi829@gmail.com

play a leading role in the speech act. As a consequence, it is verified that the first group can be part of an underground history in relation to the official history, which can lead to the construction of spatial and cultural identities disconnected from a possible reality. Regarding the second group, it is understood that their role in the act of telling their story can help to strengthen their identity to the point of re-signifying practices in spaces in the municipalities of Porto União da Vitória (PR/SC).

Keywords: Monumental records; Commemorative events; Space Practices.

RESUMEN

El presente trabajo de investigación tiene como objetivo realizar un análisis de los discursos espaciales interpretados a partir de los monumentos/eventos organizados y conmemorados en Porto União da Vitória (PR/SC) en la perspectiva de la Guerra del Contestado (1912-1916) – entendida aquí como parte fundamental de la constitución histórica, espacial e identitaria de los dos municipios. Para ello, se analizaron prácticas espaciales y productoras culturales de conmemoraciones y monumentos en la respectiva región. Los resultados apuntan a dos inferencias: la primera es que los caboclos, víctimas y parte de la guerra del Contestado, juegan poco papel en el acto de contar su historia; por otro lado, colonizadores e inmigrantes juegan un papel protagónico en el acto de habla. Como consecuencia, se verifica que el primer grupo puede formar parte de una historia subterránea en relación con la historia oficial, lo que puede conducir a la construcción de identidades espaciales y culturales desconectadas de una realidad posible. En cuanto al segundo grupo, se entiende que su papel en el acto de contar su historia puede ayudar a fortalecer su identidad hasta el punto de resignificar las prácticas en los espacios de los municipios de Porto União da Vitória (PR/SC).

Palabras clave: Registros monumentales; Actos conmemorativos; Prácticas espaciales.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa tem o objetivo de realizar uma análise dos discursos espaciais interpretados a partir dos monumentos/eventos dispostos e comemorados em Porto União da Vitória (PR/SC) sob a perspectiva da Guerra do Contestado (1912-1916) – entendida aqui como parte fundamental da constituição histórica, espacial e identitária dos dois municípios que formam uma área urbana integrada.

A Guerra do Contestado foi um conflito armado de disputas territoriais que resultou na divisão territorial e administrativa dos estados do Paraná e de Santa Catarina. Ocorrida entre outubro de 1912 e agosto de 1916, a guerra envolveu desde pequenos proprietários de terras até chefes de Estado que estavam no poder naquele momento. Tal conflito aconteceu numa região onde os limites e territórios do Paraná e Santa Catarina não estavam definidos, mais especificamente na fronteira próxima às cidades de Rio Negro e Palmas, no Paraná e Caçador e Canoinhas, em Santa Catarina, com o envolvimento de mais de 20.000 sertanejos. O evento teve,

Agricultura familiar: uma proposta viável considerando o contexto da estrutura fundiária brasileira
Victória Jandira Bueno; Carla Maria Freres Stipp; Leonardo Rodrigues

no geral, diversos motivos, e os que mais se destacam são: o movimento messiânico ocorrente na região, a instalação da empresa estrangeira Brazil Railway Company e a construção da Estrada de Ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Com o acordo de limites, em 20 de outubro de 1916 separou-se a cidade de Porto União da Vitória, tornando-se em dois municípios independentes: União da Vitória-PR e Porto União-SC.

As cidades de Porto União e União da Vitória não vieram a se envolver diretamente no conflito, isto é, não houve nenhum tipo de luta significativa nessas terras, que acabou por abrigar grandes comandantes, serviu como lugar de pouso, desembarque e embarque militar, além de situar-se como o local onde se encontrava o hospital que tratava dos feridos na guerra. Porto União da Vitória, por possuir uma estação ferroviária, tinha grande importância estratégica para os militares e era também muito valorizada pelos moradores locais, por significar-lhes um ponto de encontro e atração; com o tempo, os trilhos da estação passaram a simbolizar a divisão dos dois estados e das cidades. Além disso, foi instituída ali uma infraestrutura para abrigar e dar suporte aos aviões que ajudariam a identificar redutos caboclos na região das cidades gêmeas.

Dentre as heranças bélicas referentes ao conflito, podemos citar ainda a questão religiosa deixada nas duas cidades, que resultou na construção de alguns dos monumentos que serão analisados neste artigo, sobretudo os relacionados ao messianismo, estabelecido como uns dos motivos do desencadeamento da guerra.

Espalhadas pelas cidades, ainda hoje se podem notar as representações do conflito deixadas para a população das cidades gêmeas, seja em forma de monumentos, de lugares, ou seja na forma de eventos, tais quais constituem parte da história do conflito e da formação das cidades sucessivamente, uma vez que estão inseridas na denominada “região contestada” pelos estados do Paraná e de Santa Catarina.

Em análise dos monumentos, locais e eventos das cidades de União da Vitória e de Porto União, destacam-se: a **Estação União**, que tinha como finalidade o transporte de pessoas e passou a ser usada como local de confraternização das cidades; o **Parque Monge João Maria**, que foi um local de peregrinação e hoje acrescentou-se mais a função de espaço de lazer para a população; a **Casa Cultural Anibal Khury**, cuja construção não está ligada ao Contestado, mas à Escola de Teatro Lício Ferreira, que se preocupa em manter a memória desse conflito nas cidades gêmeas; a **Praça da Divisa**, criada em memória ao conflito; o **Parque Histórico Iguaçu**, que tem por finalidade reunir aspectos da diversidade da cultura regional; a **Festa do Xixo e do Steinhaeger**, que faz uma mostra da cultura das cidades; a **Festa da Costela**, que resgata elementos da cultura

presente nas cidades; e por fim, a **Semana do Contestado**, evento com a finalidade de promover conhecimento sobre o conflito.

Podemos relacionar ainda essas paisagens/monumentos com o fenômeno do Tropeirismo que ocorreu nas cidades, surgido como uma atividade comercial cujo objetivo fora promover a interligação de polos econômicos do Brasil. As mercadorias e alimentos eram trazidos no lombo de mulas e cavalos que cortavam vários caminhos que interligavam diferentes pontos do Brasil. Os tropeiros, juntamente com os canoieiros, foram os primeiros moradores de Porto União da Vitória; no entanto, apenas em 1726 ocorreram as primeiras expedições à região, nas quais houve a necessidade de encurtar o caminho entre os municípios paranaenses de Palmas e Palmeira, quando se descobriu, então, o Vau do Iguaçu. Com esse vau também passou a existir o trânsito fluvial na região, o qual encurtava o caminho de Palmas a São Paulo-SP durante a Guerra do Contestado. Com essa nova alternativa de transporte, a partir de 1889 o comércio de erva-mate e madeira se intensificou.

DISCURSOS ESPACIAIS E PAISAGEM CULTURAL

As comemorações e monumentos culturais remetem a um processo de construção e habitação contínuo das sociedades no espaço e no tempo. Contudo, as paisagens remetem a uma produção cultural (COSGROVE, 1998; BESSE, 2014) e têm intencionalidade em relação à produção ou reprodução do espaço, podendo, em nosso caso, se expressar de diversas maneiras, como a perpetuação de uma ideia por meio de um monumento de rememoração (LE GOFF, 1990) ou a partir dos atos de comemorações (MIDDLETON e BROWN, 2006).

Em relação às paisagens, para Besse (2014) “a análise da paisagem consiste numa análise de categorias, de discursos, de sistemas filosóficos, estéticos, morais que a paisagem deve pretensamente prolongar e refletir.” (BESSE, 2014, p. 14). Nesse sentido, a partir da melhor compreensão das práticas e dos discursos espaciais nas paisagens culturais e monumentos, podemos discutir sobre inferências que contribuam para um melhor entendimento da Guerra do Contestado na construção e manutenção de uma identidade local.

Como referencial metodológico sobre as análises das paisagens culturais tomamos Cosgrove (1998), que acrescenta: “Devemos resistir à tentação de descolar a paisagem de seu contexto de tempo e espaço, enquanto estivermos cultivando a capacidade imaginativa de incorporá-la para vê-la, por assim dizer, por dentro.” (COSGROVE, 1998, p. 229). Desse modo,

vamos interpretar os significados das paisagens/monumentos/eventos por meio das alterações de significado e função, o que permite revelar as durações e discursos da Guerra do Contestado nas identidades dos grupos que constituem Porto União da Vitória.

Para melhor compreender a dinâmica do discurso espacial, apoiamo-nos em Harvey (2009). Para o autor, o discurso espacial está atrelado às representações simbólicas de um espaço percebido que expressam seu domínio e controle a partir de “espaços proibidos” ou “imperativos territoriais” que podem remeter a uma comunidade, cultura regional, nacionalismo, geopolítica, hierarquias. Dessa maneira, controlar o discurso espacial sobre esses lugares é um meio de, também, controlar as práticas espaciais e perpetuar o discurso vigente até aqui e agora. Como explica Harvey, a representação de um espaço precede um espaço imaginado que, por sua vez, precede um espaço vivido, onde pode-se produzir ou reproduzir o espaço e suas práticas, a partir de quem tem produção cultural. Portanto, a representação precede a ação, e o acúmulo da ação no espaço-tempo produz a representação, formulando a concepção de espaço de uma sociedade.

Nesse sentido, práticas espaciais nesses espaços remetem a concepções espaciais acumuladas no tempo das sociedades. Harvey (2009) tece relações entre as práticas espaciais e o espaço vivido, percebido e imaginado de Lefebvre no livro *A produção do espaço*, de 1974, na tentativa de capturar sua complexidade nas sociedades, segundo o que indica:

1. As práticas espaciais materiais referem-se aos fluxos, transferências e interações físicas e materiais que ocorrem no e ao longo do espaço de maneira a garantir a produção e a reprodução social.
2. As representações do espaço compreendem todos os signos e significações, códigos e conhecimento que permitem falar sobre essas práticas materiais e compreendê-las, pouco importa se em termos do senso comum cotidiano ou do jargão por vezes impenetrável das disciplinas acadêmicas que tratam de práticas espaciais (a engenharia, a arquitetura, a geografia, o planejamento, a ecologia social etc.).
3. Os espaços de representação são invenções mentais (códigos, signos, “discursos espaciais”, planos utópicos, paisagens imaginárias e até construções materiais como espaços simbólicos, ambientes particulares construídos, pinturas, museus etc.) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para as práticas espaciais. (HARVEY, 2009, p. 201).

Nessa toada, nossa investigação caminhou no sentido da análise de comemorações, compreendidas como práticas espaciais, e de monumentos. Para Middleton e Brown (2006) “a comemoração envolve tanto estabelecer quem somos agora, como seres sociais, quanto evoluir e construir o que aconteceu no passado.” (MIDDLETON e BROWN, 2006, p. 80). A partir da

compreensão do agora e da reconstrução do passado, a comemoração traz consigo a transmissão de valores conservados coletivamente em grupo, trazendo, efetivamente, a memória na prática. Na relação memória e comemoração não importa muito “saber o que aconteceu” e “como aconteceu” no passado, mas conhecer as interpretações e narrativas tecidas ao longo do tempo.

No contexto das comemorações, as práticas espaciais de um espaço vivido, percebido e imaginado podem ser consideradas como: 1. As comemorações que se perpetuaram e significaram até aqui por meio de festas, danças, comidas, histórias que mantêm, mais ou menos, uma estrutura de rememoração e que corroboram com a reprodução espacial até aqui e agora; também, 2. A reprodução espacial dessas práticas perpetua as representações com objetivo de torná-las impenetráveis e; 3. A perpetuação dessas práticas e representações em certos espaços faz com que eles se tornem um lugar simbólico, um espaço de representação para a reprodução das práticas espaciais que, por sua vez, apresentam discursos espaciais específicos e “lugares imperativos territoriais”.

Já em relação aos monumentos, nossa discussão parte de Le Goff (1990), para quem esses auxiliam na construção da memória coletiva científica, posicionando-se como heranças do passado. No excerto que segue, o historiador demonstra a origem filológica da palavra monumento, bem como sua importância na construção da memória pela sociedade ocidental:

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos *monumenta hujus ordinis* [*Philippicae*, XIV, 41], designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas desde a Antiguidade romana o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (LE GOFF, 1990, p. 536 – grifo do autor).

Dessa maneira, os monumentos têm como objetivo “ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas.” (LE GOFF, 1990, p. 537). Na relação com as práticas e discursos espaciais de David Harvey, podemos inferir que: 1) os monumentos expressam uma ideia que remete a um produtor cultural que está declinante a uma ideologia,




interesses e motivações dentro de um contexto espaço e temporal específico; 2) tem como objetivo a reprodução da dinâmica social e espacial a partir da perpetuação da ideia e; 3) os monumentos, assim como ocorrem com as comemorações, tornam-se “imperativos territoriais”. Essas práticas não abrem espaço para o político, para o novo, para uma nova abordagem, para a multiplicidade. E isso pode ocasionar em visões espaciais descontextualizadas ou distorcidas de uma realidade próxima, podendo provocar identidades sociais e espaciais essencialistas e dentro de uma mesmidade substancial.

Dessa maneira, os monumentos e as comemorações são vistos como frutos de um espaço representado e imaginado e expressam uma ideia, um contexto, uma representação social, um discurso; na relação entre representação e discurso, Olson (1997) coloca: “criar representações não é apenas registrar discursos ou elaborar recursos mnemônicos: é construir artefatos visíveis dotados de autonomia em relação aos autores e com propriedades especiais para controlar sua interpretação.” (OLSON, 1997, p. 212).

Nesse sentido, organizamos o quadro 1, na sequência, que descreve os monumentos e comemorações nos municípios de Porto União-SC e União da Vitória-PR, a partir do qual teceremos algumas considerações sobre esses eventos-monumentos:

Quadro 1: Comemorações e monumentos em Porto União da Vitória (PR/SC)

PARQUE MONGE JOÃO MARIA	<ul style="list-style-type: none">• Foi criado em memória ao monge que passou pelas cidades durante o conflito; hoje é utilizado para fins de lazer. A estrutura do parque é uma grande passarela utilizada como ponto turístico entre os visitantes e moradores da localidade.• Para algumas pessoas significa um local santo ligado ao monge; para outras, somente um ponto turístico da cidade.	
	 <p>Fonte: Foursquare - City Guide</p>	 <p>Fonte: Portal de Turismo de Porto União</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • Semana do Contestado: O evento acontece desde 2004 nas cidades de Porto União e União da Vitória, e conta com diversos tipos de exposições relacionadas ao conflito em diversos lugares públicos das cidades, tendo o objetivo de promover a cultura da região por meio de palestras e atividades. Tem como coordenador o professor de teatro Lício Ferreira. • Significa para a população uma forma de promover conhecimento sobre a Guerra do Contestado.
<p>SEMANA DO CONTESTADO</p> <p style="text-align: center;">*</p>	<div style="text-align: center;">  <p>Fonte: Rádio Colméia</p> </div>
<p>CASA CULTURAL ANIBAL KHURY</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Casa Cultural: Trata-se de uma construção que não tem relação com o conflito, mas nela acontecem alguns eventos das cidades e região referentes a ele. Hoje, abriga a “Escola de Atores Lício Ferreira”, que é um canal de divulgação da história do conflito. • Significa um patrimônio histórico de mostra cultural para as cidades. <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="520 1075 997 1467">  <p>Fonte: Site Visite União</p> </div> <div data-bbox="997 1075 1433 1467">  <p>Fonte: Portal de Notícias A2</p> </div> </div>
<p>PRAÇA DO CENTENÁRIO DO CONTESTADO</p> <p style="text-align: center;">*</p> <p>PRAÇA DA DIVISA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Depois da Guerra do Contestado, para passar com mercadorias de uma cidade à outra, era necessário pagar impostos. Nesse local havia uma cancela demarcando a divisão entre Paraná e Santa Catarina. Em uma guarita ficava o ferroviário que cuidava do tráfego na passagem das composições e auxiliava os maquinistas nas manobras realizadas no imenso pátio existente nas duas cidades. Tal guarita foi restaurada e ainda existe na praça. Os demais monumentos foram construídos e inaugurados em 22/09/2012, em comemoração à memória do conflito do Contestado; atualmente, a praça é utilizada como local de lazer, principalmente para jovens, e nela ocorrem muitos poucos eventos que tenham ligação com o conflito. • Seu significado é manter viva a memória do conflito nas cidades. A praça chama a atenção devido à grande quantidade de monumentos que rememoram a Guerra do Contestado.

	 <p>Fonte: CALANDRO, 2021</p>	 <p>Fonte: CALANDRO, 2021</p>
	 <p>Fonte: CALANDRO, 2021</p>	
<p>PARQUE HISTÓRICO IGUAÇU</p>	<ul style="list-style-type: none">• Tem como função ser um parque de exposições da cultura da região do Contestado, com espaços temáticos onde se desenvolvem diversas atividades culturais. Nele há artefatos ligados ao conflito e é também utilizado como local de lazer para a família.• Significa um local de exposição das culturas regionais, sendo mais lembrado pela população como um lugar familiar.  <p>Fonte: <i>Site</i> Fragata Surprise</p>	

FESTA DO XIXO E DO STEINHAEGER	<ul style="list-style-type: none">• Esta festa de origem alemã é realizada todos os anos na Praça Hercílio Luz, em Porto União-SC, onde são apreciados preparos da culinária alemã, além do prestígio a diversas apresentações culturais.• A população vê a festa como uma atração para fins de lazer e degustação de diversos pratos alemães típicos nas cidades.
	 <p>Fonte: Site VVale</p>  <p>Fonte: Rádio Colméia</p>
FESTA DA COSTELA	<ul style="list-style-type: none">• É uma festa de origem gaúcha que ocorre todos os anos na região, geralmente na Estação União ou no CTG (Centro de Tradições Gaúchas) de União da Vitória-PR.• A população aprecia a festa com muita bebida e comidas típicas gaúchas; considera-se essa festa como uma comemoração cultural e também uma forma de lazer, devido aos grandes almoços e danças típicas.
	 <p>Fonte: Site Festa Nacional da Costela</p>  <p>Fonte: Site VVale</p>

Elaboração: SILVA e CALANDRO (2021)

Após a análise das descrições sobre as seis comemorações e monumentos regionais, pode-se indicar que: três deles têm relação direta com a Guerra do Contestado, sendo eles o Parque Monge João Maria, a Semana do Contestado/Casa da Cultura Anibal Khury e a Praça da Divisa, ao passo que os outros três mantêm relações com o movimento imigratório e de colonização, sendo eles a festa do Xixo e Steinhaeger, o Parque do Iguaçu e a Festa da Costela.

Os eventos-monumentos relacionados ao Contestado

O parque Monge João Maria, que guarda a figura sacra de barro e o pocinho do João Maria, é frequentado por devotos do monge e por turistas em geral. Esse lugar, mesmo com as reformas estruturais que recebeu ao longo do tempo, conserva raízes identitárias ligadas ao evento do Contestado, embora algumas práticas, como a do lazer e o turismo ligado à produção do capital tenham contribuído para ressignificar o lugar.

A Semana do Contestado é um evento anual que acontece desde 2004 sob coordenação do professor de teatro Lício Ferreira. A partir de atividades e exposições culturais em escolas e locais públicos, a semana do Contestado reconstrói a memória da Guerra e, de certa forma, é realizada por pessoas que se debruçam sobre a temática, frequentemente reconstruindo-a.

Por fim, na Praça da Divisa, que existe desde a demarcação oficial dos territórios entre os estados do Paraná e de Santa Catarina, foi construído, em 2012, um monumento que remete ao centenário da Guerra do Contestado. Para Silveira e Fraga (2014) esse monumento, mesmo tendo o objetivo de perpetuar a memória do Contestado, pelo contexto espaço-temporal e por seu produtor cultural, remete a um espaço turístico ligado ao capital e não à guerra. O lugar de fala e de representação, sobretudo dos caboclos, fica subjugado a quem detém a produção cultural da época. Tal fato corrobora com nossas observações, das quais constatamos que a praça é frequentada por pessoas da cidade e por turistas em geral, portanto, tornada em um lugar comum no cotidiano local. Contudo, a palavra cotidiano, como aponta Lefebvre (1992), remete às durações das “superestruturas”, no caso representadas pela duração do capital, que favorecem a coisificação da cultura, do espaço, do tempo e da matéria.

Ainda sobre esses eventos-monumentos relacionados ao Contestado, pode-se inferir que:

1. O Parque João Maria configura-se como um lugar frequentado e (re)construído por comunidades e indivíduos ligados aos eventos da guerra. Contudo, algumas práticas podem ressignificar o discurso espacial do lugar;
2. A Semana do Contestado parece ser organizada e realizada por indivíduos que se identificam com a causa, ou seja, por pessoas que têm raízes identitárias com o evento. Desta forma, o evento, que se faz em diversos espaços das cidades, mostra-se como um período de resistência e de ressignificação momentânea dos espaços.

Agricultura familiar: uma proposta viável considerando o contexto da estrutura fundiária brasileira
Victória Jandira Bueno; Carla Maria Freres Stipp; Leonardo Rodrigues

3. A praça de Divisa, onde se encontra o monumento do centenário do Contestado, é um espaço ligado ao turismo do capital e desconsidera a participação dos caboclos no processo de reconstrução da memória da Guerra do Contestado.

Essas inferências, que associam os lugares de fala aos discursos espaciais, trazem à tona a relação entre identidade e narrativa proposta por Paul Ricœur (1997), sobretudo em relação à Praça da Divisa. Para o filósofo francês, o tempo da narrativa ou da identidade narrativa se coloca no processo de cruzamento entre o tempo cronológico e substancial, que corresponde à sucessão, e o tempo fenomenológico, o da existência, o que marca o espírito. Esse terceiro tempo, o narrativo, é fundamental para a construção da identidade, porque é o que “ficou”, o que se construiu e reconstruiu no processo de lembrar e esquecer do ser, no que pode ser narrado de si mesmo da existência do ser no espaço e no tempo.

Para o autor, existem duas identidades: uma compreendida no sentido de um mesmo e substancial (*idem*), outra no sentido de outra (*ipse*), narrativa, sobre a qual o autor comenta:

O si mesmo pode, assim, ser dito refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Ao contrário da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão da vida. O sujeito mostra-se, então, constituído ao mesmo tempo leitor e como escritor da sua própria vida, segundo o voto de Proust. Como a análise literária e autobiográfica verifica, a história de uma vida não cessa de ser refigurada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas. (RICŒUR, 1997, p. 425).

Nessa perspectiva, o tempo e o espaço, em toda sua dinâmica social, configuram e reconfiguram o sujeito que narra e faz uma tessitura do outro (o seu eu do passado) até explicar o si mesmo (o seu eu do presente). Para isso, é necessário um autoexame de vida que dê a organicidade do caminho percorrido até o momento; nesse sentido, parte do autoexame pode se apoiar em documentos, monumentos ou comemorações. Quando a comunidade cabocla é levada a fazer uma reflexão sobre si mesma, se depara com monumentos como os da Praça da Divisa, que desconsideraram sua participação no processo de reconstrução da sua memória; isso, de certo modo, pode reconstruir representações distorcidas e desconexas de sua identidade.

Outra reflexão sobre os que narram o passado da Guerra do Contestado pelo caso da Praça da Divisa diz respeito ao esquecimento por narrativa. Para Ricœur (2003), esse tipo de esquecimento, por meio da função mediadora da narrativa, transita entre extremos da passividade e atividade da memória, a ponto de cruzar entre a memória e a identidade, devido ao seu viés

ideológico. No entanto, no trânsito entre passividade e atividade, não podemos considerar os indivíduos que participam desse fenômeno como baldes vazios de história, de memória, de experiência e de ideologia. Diante da situação, principalmente de passividade, existem conflitos na memória para aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade e pontos de encontro entre o que é dito e as memórias que já nos constituem. O que “fica” desse fenômeno é posteriormente incorporado ao discurso.

São nesses tipos de trabalhos com a narrativa que podemos narrar a história de outra forma, alterando cenários, reorganizando tempos, reestruturando personagens, suprimindo e exaltando o que é de nosso interesse. É nesse enredo que construímos a identidade pessoal e coletiva que estrutura nosso vínculo de pertencimento, tendo como maior ameaça, no fim desse percurso, o manejo da história oficial, aquela autorizada, celebrada, comemorada e imposta.

Ainda sobre o esquecimento, Halbwachs (1990) nos auxilia a compreender melhor essa intencionalidade. Para o sociólogo francês, na relação memória e esquecimento, o esquecimento ocorre quanto mais o grupo se afasta de quadros sociais ou espaciais com que se relacionam: "Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam." (HALBWACHS, 1990 p. 32). Nesse sentido, quanto mais ocorre “o desapego” de grupos sociais que nos cercam, mais efetivo se faz o esquecimento. Dessa forma, não falar ou não comentar sobre uma perspectiva cabocla sobre o Contestado é deixá-la sob desapego com a pena de esquecer-la ou, em uma perspectiva dialética de Ricœur (2003), reimaginá-la, o que abre espaço para a inserção de uma memória ou de um esquecimento por narrativa que distorce ou reformula drasticamente a identidade da comunidade cabocla.

Em um viés geográfico, podemos atrelar essa crise de identidade espacial aos estudos de Massey (2008). Para a autora, na história da ciência ocorre uma subjugação do espaço em relação ao tempo e isso pode acarretar em problemas de representação do espaço. No caso discutido, o contar da história do agora - tempo - pode determinar a representação do espaço - geografia -, desconsiderando todo um processo de produção espacial, toda sua multiplicidade e fechando-se para outras visões de mundo. Assim, é necessário considerar o espaço-tempo e o contexto inseridos para uma representação do espaço mais próxima do real.

Sobre os eventos-comemorações ligados à colonização/imigração

1. A festa do Xixo e do Steinhaeger, realizada anualmente na praça Hercílio Luz e no centro da cidade, ressignifica um espaço que, no período da Guerra do Contestado, era utilizado para comemorações de militares e da população da época - a Festa da Primavera. A festa comemora as tradições culturais dos imigrantes de nacionalidades europeias como a alemã, a ucraniana e a polonesa, a partir da comida e da bebida – tendo o Xixo e Steinhaeger como protagonistas - danças, músicas, apresentações culturais, entre outros;
2. Já a Festa da Costela, também tradicional na cidade, do mesmo modo que a festa do Xixo e do Steinhaeger, comemora, por meio da comida - tendo a costela bovina como protagonista, ao lado das danças gaúchas, das apresentações culturais, entre outros movimentos - a tradição gaúcha no município. Essa festa é realizada no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) ou na antiga estação ferroviária; no caso da estação, novamente vemos um processo de ressignificação e refuncionalização (CORRÊA, 2018) da paisagem a partir das novas práticas e da apropriação do espaço por esse grupo.

Sobre as comemorações em Porto União da Vitória, consideramos que ocorre um movimento para perpetuação (reprodução) do discurso espacial em relação aos imigrantes europeus e dos gaúchos a partir do momento em que eles narram a própria história. Consideramos essa inferência porque as comemorações-eventos apresentam funções ou significados que remetem a celebrações que valorizam suas respectivas culturas.

No contexto da memória, Maurice Halbwachs (1990) comenta sobre a “necessidade de uma comunidade afetiva”:

Não é suficiente reconstituir peça a peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontram tanto em nosso espírito como nos dos outros, porque eles passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Nesse sentido, os “espaços proibidos” ou “imperativos sociais” (HARVEY, 2009) podem ser aproximados às comemorações pois, de certa maneira, remetem a um ponto comum de uma

Agricultura familiar: uma proposta viável considerando o contexto da estrutura fundiária brasileira
Victória Jandira Bueno; Carla Maria Freres Stipp; Leonardo Rodrigues

memória coletiva que, de certa forma, fortalece o sentimento de pertencimento, de identidade e de reprodução cultural das práticas espaciais dos imigrantes europeus e dos colonizadores gaúchos que se reafirmam como representação cultural hegemônica e (re)produtora do discurso espacial a partir das comemorações e da ressignificação dos espaços.

Contudo, existe uma relação entre a colonização gaúcha e a Guerra do Contestado. Parte dos aglomerados urbanos da região do Contestado tem suas origens nas frentes colonizadoras do Tropeirismo nos séculos XVIII e XIX e na exploração da erva-mate no século XIX. Com a colonização gaúcha destacamos, sobretudo, o Tropeirismo. Esse fenômeno geográfico tinha como uma das características o transporte de mercadorias entre São Paulo e Rio Grande do Sul por meio de mulas e “carreiros” pelas florestas e campos, circulação responsável pela formação de vilas que se transformaram em cidades. Esse caminho foi tomado por posseiros de pequenas propriedades de terra que, ao final do Tropeirismo, deu lugar à ferrovia, sendo uma delas a que cortava a região do Contestado. Desse modo, a partir dos estudos de Ricœur (1997, 2003) sobre narrativa e esquecimento, de Halbwachs (1990) sobre o esquecimento por desapego do grupo social e com base nos argumentos que apresentamos, pode-se inferir que a relação entre a tradição gaúcha e a Guerra do Contestado tenha também sido esquecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos possibilita inferir algumas considerações sobre os monumentos e comemorações de Porto União da Vitória, quais sejam: os monumentos e comemorações relacionados ao Contestado demonstram, sobretudo a Praça da Divisa, o contar e o representar de uma versão da história por pessoas e grupos que não os caboclos. O discurso oficial realizado por quem tem a produção cultural da época sobrepõe as maneiras de ver o mundo, a região do Contestado e a guerra sobre a perspectiva do caboclo. Tal fato, que é uma força de representação descontextualizada do espaço e do tempo, pode possibilitar a construção de identidades espaciais desestruturadas de uma possível realidade cabocla.

Por outro lado, as comemorações e monumentos relacionados às comunidades dos colonizadores e dos imigrantes mostraram-se feitas a partir de suas narrativas. O lembrar pelos grupos a partir de comemorações fez com que eles se reafirmassem no tempo e no espaço de Porto União da Vitória ao ponto de se apropriarem e ressignificarem as respectivas paisagens e lugares a partir de suas práticas espaciais.

Agricultura familiar: uma proposta viável considerando o contexto da estrutura fundiária brasileira
Victória Jandira Bueno; Carla Maria Freres Stipp; Leonardo Rodrigues

Na comparação entre as comemorações e monumentos que representam a cultura cabocla e as dos colonizadores podemos inferir que, para a maior parte daqueles, a cultura é representada e narrada em tempos e espaços a partir de uma ótica extroversa, ou seja, que não lhes é própria, o que não ocorre com a representação cultural pelos colonizadores e imigrantes que, em sua maioria ou mesmo totalidade, se narra per si e para si, reafirmando-se como produtora cultural e, até mesmo, ressignificando e refuncionalizando locais que antes eram atrelados à guerra do Contestado, como a Praça Hercílio Luz e a Estação Ferroviária.

Para nós, a discrepância entre as narrativas acerca desses espaços de fala entre esses grupos investigados pode, em certa parte, ter sua origem – dado nas comemorações e monumentos perpetuados - com a tese das políticas públicas de branqueamento da população no sul do Brasil que se fez do fim do século XIX até meados do século XX, pela qual a representação da cultura sertaneja e cabocla é suprimida e levada ao esquecimento, à sobrelevação da cultura dos colonizadores e imigrantes, exaltada tanto para ser lembrada no tempo e no espaço, quanto e, principalmente, para não ser esquecida.

Os resultados resgatam a noção de que os espaços de fala e de representação são fundamentais para a construção da identidade de um grupo. Ao fim e ao cabo, vimos como o produtor cultural, tanto no caso dos caboclos, quanto no dos colonizadores e imigrantes, pode tornar subterrâneas ou fortalecer as identidades das comunidades que ocupam os espaços de um lugar, em nosso caso, de Porto União da Vitória.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem.** Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, 224p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados.** São Paulo: UNESP, 2018, 321p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte. Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990, 189p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2009.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história.** Campinas: Editora Unicamp, 1990, 553p.

Agricultura familiar: uma proposta viável considerando o contexto da estrutura fundiária brasileira
Victória Jandira Bueno; Carla Maria Freres Stipp; Leonardo Rodrigues

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4^o éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão início – fev. 1974, 476p.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1992, 217p.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312p

MIDDLETON, David; BROWN, Steven. A psicologia social da experiência: a relevância da memória. **Pro-Posições**. n.º 17, Campinas: UNICAMP, 2006.

OLSON. David. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2003, 536p.

RICCEUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 512p.

SILVEIRA, Heitor Mata; FRAGA, Nilson César. O santo (de bronze) do povo do contestado: do espaço sagrado para o perímetro urbano - uma leitura sobre a figura de São João Maria, em Porto União da Vitória (SC/PR). **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Anais. Vitória, 2014. Disponível: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404148184_ARQUIVO_SILVEIRA&FRAGACBG2014.pdf Acesso em 20/08/2021.

Recebido em: 15 de julho de 2022
Aceito em: 19 de setembro de 2022